

An aerial photograph of a densely packed informal settlement, likely a favela. The buildings are tightly clustered together, with roofs made of various materials, including corrugated metal, wood, and brick. The colors of the roofs range from dark grey and brown to bright orange and red. There are some green trees and plants scattered throughout the settlement. A road is visible at the top and bottom of the image, with a few cars parked or driving. The overall scene depicts a complex and crowded urban environment.

MEIA PONTE

Arthur Moura Campos



Uma poesia de várzea é essa
do Meia-Ponte: no curso
brejeiro de um rio "menor",
como talvez quiséssemos
classificá-lo, ainda
desenham-se sinuosidades
na roda das águas cujos
veios infiltram a terra e o
peito. Não deixa de ser
verdade que é como um
percurso de sumidouros que
se revela a caminhada de
quem descobre o rio em suas
entranhas e reentrâncias;
mas, nele, encontra-se um
coração pulsante de água,
que ora exsuda, é enchente.
Na página em branco, mar em
que deságuam todos os
traços retos, revolvem ritmos
suarentos transpirando e
transbordando a retidão de
linhas fixas, porém
transitórias: "nossas retas
efêmeras/ seus meandros
sagrados". Na contra-corrente
dos mapas (que têm por
tarefa assinar-nos um lugar
certo e intransferível de
acordo com as fronteiras que

MEIA PONTE

Arthur Moura Campos

1ª edição
São Paulo, 2017

Dedico a minha avó Mouranísia
, que me ensina a ser Corrente,

Sobre esse livro, 10

Olho d'água

- Ri de mim, 15
- Fountain, 19
- AGONIA, 20
- As manhãs, 21
- NOVO ESTRELADO, 22
- MEO DIA, 23
- Uma fome sem nome, 26
- Promovo as pontes, 27
- a ponte liga pontos, 28
- Histórico, 29
- Vermelhos feito tomates, 31

Brejo

- O palco do poeta, 35
- figueira, 36
- SAFÁRI, 37
- Dia adia, 38
- Bicho mais quieto, 39
- Eu, fruto de minha era, 40
- O eu, 41
- Dias entranhos, 42
- QUERO UM AMARELO, 43
- um ano passa, 44
- O quanto se pode envelhecer, 45
- herda, 46
- errante, 47
- no problem, 48
- Boi e Soja, 49

Fogueira

HOMENHUNO, 55
Combustível, 56
manchete, 57
Leaves, 59
Costumes, 60
dois mil, 61
o passado redemoinhos, 62
Às maquinas, 63
pisq pisq, 65
Percebo cores além dos carros, 66
Sou místico, 67
Não confio em quem, 68
Quiroqueda, 69
paratempo, 70
em, 71
DIA, 74

Salobro

ponte, 79
próxima parada, 80
Pero Vaz, 81
descoberta, 82
descoberto, 83
Foi num dia de chuva, 84
para tempestades, 85
CHEGO, 86
entes, 87
aguante, 88
MORENO FEITO NEGRO, 89
Vinda do caos, 90

Sobre esse livro

Esse livro já foi eucalipto
folhas enfileiradas lavadas
do seu cheiro de sauna

Foi plantado um
ao lado do outro
num corredor
ao lado do outro
num pelotão
tão alto....

Ah, já foi labirinto
e agora está aqui
compacto

|||||
lá estava perdido
|||||
|||||
poderia ser poste
|||||
|||||
poderia ser palito

>

Já foi terra
já foi água
já foi tudo
hoje é nada

Esse livro um dia já foi vivo,
será que está morto?

Duvido.

OLHO D'ÁGUA

Ri de mim

Nos fundos
embaixo
pelo meio
esquecido

Contínuo
morto
vivo
quebrado

Quem sente seu cheiro
ao cruzar o outro lado?

É úmido
moído
pedras-plástico

Embrulhado
no concreto
asfalto

Escorregento
enlameado

>

É preciso olhos do tempo
para redesenhar seu nome

Ouvir
sapo velho
insone

Entre dois
canos
amassado

Pescar
latinha
de skol

Pra ver
se nasce
dourado

Descorregar a
descargar o
descaso

Sua voz tá miúda:
seu chuí
um chiado

>

Corre
go
lento

Corre
amar
rado

Onde
onde
onde

*... nossas retas efêmeras,
seus meandros sagrados...*

Fonte

*Água no coração
Preso dentro*

*Aqueduto do peito
sendo feito*

*De repente surgirão fontes
que demorei tanto para construir*

*A água
é amarga,*

*Talvez poção,
talvez peçonha,*

*Mas os rios devem fluir
pois a fonte nunca para*

*Tirando o tijolo da barragem
e dando do que sou feito*

*De onde estou
imerso*

Fountain

Water in the heart
held inside

Aqueducts from my breast
I'm building up

Suddenly will emerge fountains
that I took so long to build

The water
is bitter,

Maybe potion,
maybe poison,

But the rivers must flow
because the source will never stop

Taking out the brick of the dam
and giving what i`m made of

From where i`m
immersed

AGONIA

ouço meu peito
não está parado
apito espeto chocalho

ouço meu espírito
ele chora chiado
incha enchente galhos

luscofusco
fortefraco

corpo roupa

ora abunda
hora pouca

As manhãs

tem gosto de hortelãs
lavadas pelo sereno

Um quê de laranjas
de ácidos plenos

Elas provocam
, aguçam meus sentidos ao extremo
, tem manhãs que começam
quando ainda está escurecendo

recolher-se
do frio da
noite

no raio
meio-diurno
apino

sonhos secos
varal estendido

ATÉ QUE
O SOL CAI

molhado

SURGE
NOVO
ESTRELADO

MEO DIA

e aqui
piso nesse ar seco
raspo-me nesse limpo azul
amacio-me no suor dos poros
sou eterno céu que me cerca
.respiro.
.penso.
.paro.
.continuo.

cá momentos são inteiros
com seus fins meios começos.
o prazo de se poder estar.
.estou.

à sombra quente
olho imensamente
os ponteiros pedem tempo
lentamente lento
leito que deito
.descanso.

descasco as idéias
pois a paz me invade demais

>

não quero tanto sossego.
mas sou tanto sossego.
desassossego
quero desquero as paragens que vejo
paradas nesse tempo
paradas em mim
as coisas parecem presas.
e eu caço e eu caça
caço a dor que desacompanha
aqui encontro
plena paz
plena paz
plena plena paz
plana paz
.tortuo.

torço distorço,
as retas tão retas
os planos tão planos
implantes próteses
aqui amolecido pelo tempo
tremulando ao vento
tento mudar fora moldando dentro.
profundo e denso, tenso e teso
para enfrentar-me lá fora
.encorajo.

>

na cara, carne que ajo,
rubro no calor
que me ferve e ferve o fora
bule as pedras de gelo
ebule os calçamentos negros
remexe as fronteiras do cá e do lá
tremula as divisas do eu de dentro
do outro de fora
roem os limites do eu do mim
.movimento.

fluidamente transcendo
a peneira da pele e
escorro nas valetas
subo nas sarjetas
encrespo nas gretas
infiltrro nas muretas
embaço as vidraças das saletas
e arranho os céus
.deslimito.

vou além
voo além
e nem mau
nem bem
.nasço.

Uma fome sem nome

silenciosamente me come

Acordada

, quer sonho,

anseia insone

Sedada

, quer sobrenome,

cor na carne some

Fome infame, devora-me

agora que me engole

humanomônima

Promovo as pontes

dos rios que não nasceram ainda
Aonde estão?

Quero seus peixes
e seus desafios
iscas riscos
desejo a gota
na minha boca seca

Ainda atrasam
ou eu
me adianto
nessa sede insana
erguendo estradas
entre lugares
que não são pontas opostas
Ainda

Quão numerosos são
os mananciais represados
em outros estados físicos
indefinidas
margens dissolvidas
Plasmas por vir

a ponte liga pontos

passos ligados no ar

pedestres se passam de anjos

Histórico

mais de dois mil anos acima do mar
mil vezes
e mil vozes
varizes de rios na terra
nós perdidos na selva
entre galhos escalo
e no cume da copa
o horizonte desmonta uma reta

Eureka!
e a terra é de água
Eureka!
e a terra é redonda

Onde estou?
... além das mais longas rondas...
seguí uma curva de andarilhos
um cheiro de cânfora
o rastro de uma folha
amarela deitada

Mais que tudo estou na minha saga
aquele que se sente perdido
e na procura escapa

>

desenha um próprio mapa
estranha sua roupa
inventa uma fala
se exprime
se expreme
se outra...

Desbanca a antiga boca
em sua saliva gasta
tenta saber
seu gosto
tento saber
meu gosto

E corto
E desbravo
meus galhos
pois quando
piso no chão molhado
percebo uma pegada

será a minha?
será deixada?

rodo nesses ciclos
nesses cios
nessa mata

Vermelho
feito tomates

são meus
olhos de
cebola

BREJO

O palco do poeta é uma pauta esburacada
cada palavra uma semente plantada
 caída

figueira

A figueira da praça
fez tanta sombra pros dias de verão...

Será que já foi pequena semente
fruto no chão?

Hoje escorre de cima
revolve de baixo

Seus fiapos fazem troncos
morrerá?

Sombra na praça, descansa
até você passa

SAFÁRI

Tão simplesmente me toca
e já outro noturno me estanco
numa poção preta

Sob seu feitiço
minha pele feita de tato
colore-se, camaleoneia

Viro lobisomem
viro centauro
com cheiro de lua cheia

Do chiado manso
que se estende pela sala
sobe a manada

Desses bichos
que me
governam

Estiro a pele
e ofereço a ceia

Dia adia

Morrendo
aos poucos
su
cu
len
ta
mente

Bicho mais quieto Mama da terra Cresce
sem deitar Tem umas mil orelhas e denuncia
o vento como ninguém Ali esperando de olho
fechado Parece que nem vive É especialista
no tempo Não tem apego com pai nem mãe
Veias serpentes contra o céu carregando
seus sucos verdes Quase rezam mas têm
preguiça dos deuses Nascem junto da chuva

Eu, fruto de minha era,
vindo de anciãs fruteiras
busco frases frescas
em uvas passas empoeiradas pêras

Retiro limo de cascas
descasco folhas secas
talvez nem tão maduro
verdemente nutra abelhas

Exausto de procurar por mim mesmo
sento no gramado apoiando-me em uma
árvore
Ela não entende minha língua
é estrangeira
mas solidária ao meu cansaço
permanece amparadora
Nem o sol me entenderia
o azul do céu tampouco
nenhum astronauta retorna o mesmo a terra
, se retornar,
Constatada a minha derrota:
“não há como me achar”
De certo se fosse mais culto
adiantaria algum curto-circuito
mas prefiro a sabedoria desse tronco torto
que solitário não se explica
contudo envelhece e abre seus braços

O eu

Dias entranhos

Esses que vêm
Das estranhas

**QUE
RO
UM
AMA
RELO
ELO**
ENTRE
O NOVILHO
MILHO
E O SABUGO
VELHO

LONGE DE
UM FILHO
ESPELHO
MAIS PRUM
ESPINHO
INQUIETO

QUERO GRÃO
GERMINANDO
NUM CHÃO FÉRTIL

um ano passa
em questão
de segundos

**O quanto se pode envelhecer em um
segundo?**

todo pensamento
parece um cálculo absurdo.

Desvendar enigmático,
cada suspiro no movimento errático
cambaleia entre o meu e o seu passo.

Compasso suspenso
nesse contratempo infinito:
a valsa nunca pausa, só muda de ritmo.

Ah, quem decifra essa música?
permaneço tonto
farejando instantes de instinto

Quanto se pode envelhecer em um
segundo?

Quantos minutos dentro de um minuto?
Quantos dias dura isso tudo?

*... não há o que prever
só há o que provar...*

herda

Terminalmente vivo
Sr. Cláudio escreve
seu testamento:

Até breve
deixo tudo à caridade
doe a quem doer

Os parentes condoídos
ausentaram-se
das festividades

errante

Dias vêm dias vão
ando entre desvios
dou e doo desafios

Nas ganas
nos enganos
ganho-pãos

**no
problem**

no
problema

meu coração
é um passarinho

avoadado
pequeninho

viajando longe

TICO-TICO
TAQUE-TICO

não é cuco,
PTERODÁCTILO!

Boi e Soja

Soja e Boi
e o que sobra
pra quem lavra?
Shoyu e Muchiba
Muchiba e Shoyu

Terra vermelha
plantation news
announces our
schools will be
closed for pig's
nutrition use

Quem manda
quem mama
leite de soja
leite de vaca
hambúrguer de soja
hambúrguer de vaca
, o mundo nos come
de boca fechada

Cerramos cerrados
Matamos matos
and Indian tears

>

feed our rivers,
there's no gold down there

... our blood flowing
straight to the sea

FOGUEIRA

HOMENHUNO
PLURIOMO
ANTROPOUCO
SOCIOMUITO

Combustível

Quanta fumaça
nem o ar mais se enxerga
tem de confiar no corpo
no tato
na pele
várias frequências
interferências
o radar está constipado
precisa de canja
de banho quente
de dormir depois do almoço
parar de rodar de rodar de rodar de rodar
devagar de vagar de vagar

que o vento passa
e a gente nem vê

manchete

a chuva foi muito forte,
mas
não tivemos muitos danos
morais.

Folhas

Não há onde ir

Não há quem

conhecer

Todo lugar flui na pele ene-

voadada

Sinta, o vento sopra

e duvida que exista risco

Não

Não há risco

Somente folhas

traçando trilhos

Leaves

Nowhere to go

No one to

know

Everywhere flows in the skin's

mist

Fell, the wind blows

and doubts that exist risk

No

No risk

Just leaves

tracing paths

Costumes

Em Caminho Curto
não há quem se abrace
ou dê a mão

Olham no olho
e põem-se a girar

Quem vomita primeiro
continua andando,
o outro para
e arranca uma folha
da árvore mais próxima

Os lixeiros de lá são
naturalmente cegos e muitos
e os cactus dominam
sua paisagem

Novos caminho-curtanos
não perdem mais tempo,
tomam pílulas de enjoo imediato
e chutam as pedras que permeiam
a moderna mata de árvores
plásticas

dois mil

Já é dois mil
e não piloto carro que flutua
Já é dois mil e ainda como feijão,
não tem daquelas pilulazinhas
que valem como refeição inteira
maquinazinha que vá por mim na feira

Nada. Ainda não fui a lua
e a rua, a casa, a árvore ainda no chão.
Quiabsurdomeudeus!
Já é dois mil
e não alcançamos a imaginação

o passado redemoinhos.

fez círculos refaz voltas giros pra trás

voam os sons dos sinos
mesmo depois da queda das catedrais

mais se afundam as pás
que sempre acariciaram o rio,

o que podem minhas rodas
contra o gigante moinho?

Às máquinas

Use automóveis,
Crie gasolina,
Beba álcool,
Queime dinheiro,
E compre, e venda, alugue,
penhore, parcele, superfature,
fature, lucre, falencie-se,
quebre, especule, deduza,
cobre, pague, cunhe,
roube, assalte, furte,
troque, escambe, desconte,
promova, invista,
explore, saqueie,
taxe, estoque,
revenda, exporte,
importe, industrialize,
manufature, terceirize,
inflacione, mecanize,
barganhe, pechinche,
cambie, empreste,
deva, loque,
aposente,
banque,
patrocine,

>

escravize,
legalize,
estatize,
produza,
amortize,
contabilize,
pirateie,
superávitize,
déficitize,
democratize,
calcule,
despeça.
E no fim, viva!
Se ainda houver vida no mercado.

pisq pisq

Luzes de Natal
vagabundas
Duram nem a véspera

Mal sabem do Fim
dos mundos
Suicidam-se na pressa

Percebo cores além dos carros

Nas frases vejo humores e recados

Vou por entre entes e ignorados

Medindo preços pesando fatos

Meus conhecidos esquecidos e lembrados

Lutam em mim, meu âmago é de aliados

Sou místico até a hora do almoço

Depois digiro

Minh' alma entre a carne e o osso

Não confio em quem nunca se perde

desconfio que já esteja perdido

Esse fio minha roupa destece
mais me perco mais sinto frio

Na novela cruzo pedestres
tecendo outro do mesmo caminho

No novelo que acaba minhas vestes
começa o nó por qual me guio

No meu texto a bússola inerte
tem setas moles feitas de linho

Contínua linha conecte-me
a mim, ao outro, ao labirinto

Quiroqueda

Da última vez que avancei no tempo

Caí no chão

Meus joelhos íntegros e sangrentos

Minhas mãos esfoladas de previsão

paratempo

Menos dias pro meu calendário
vou arrancar nem meia folha
para que os segundos grampeados rendam
que esses dias aí da parede
não corram nas minhas mãos
já riscadas como celas
superlotadas
de histórias

em

E calma pedi aos céus
e carma os anjos deram
enquanto os dias vêm pelo que vivo
as linhas lançam o tecido
que tinjo que lavo

milagonias andando por aí
apressando passos
apertando mãos
abraços confundidos com amassos
e cacos perdidos no chão

não piso
, meu sangue,
não piso.
as palavras me invadiram
e me deixaram
sem o que dizer
a mor e
a morte
já são substantivos

infelizmente

>

enjoado como antes do vômito
insisto em verboerrar
traído mentira
louco?
Longe disso.
Perto, insisto.
Perto do que?
Da miragem

Estou perto caminhando
rumo ao horizonte
norte
rumo ao longe
que sempre ecoa nas letras
O som chega,
mas nunca basta.
fonte, jamais escassa
que pinga e chove na mesma taça
Tempestade em caixa d'água

E desato esse rio
vazio
que mais grandioso rio
que filtro à fio
nos fonemas mascarados
pela minha mão

>

Não!
não são rodas nada
é a minha voz
calada
meu calo que não se trata
ardendo ditoso na garganta
gritando
rápidos
restos
soltos
que aprendeu

Quanto dessa dor dependo?
dar em tudo o que entendo
um tom suspenso
maldito suspense
que finge que penso

Pois se pensasse...

DIA

A última bebida do dia:
duas colheres de mel
num copo de melancolia

SALOBRO

ponte

A 11 mil metros do mar
não caio

,

rápido

, antes os pneus acolhem o chão

aterriço na terra

aterrorizado com a altura que supero

e não

próxima parada

algo mudou
do ou
tro extremo
do glo
bo

alguém se'ngas
gou no gri
to do
gol

no próximo
voo
sem escalas
sem atrasos
novas chegarão

Pero Vaz

nenhum
cobertor
aos
descobertos

descoberta

A paisagem escrita nos meus olhos
nem se assemelha aos fortes portos
coqueiros tortos índios mortos gaivotas
voantes
quais dantes heróicos lusos mercantes
vieram civilizar

Carrego em mim um profundo horizonte
que se arrasta no fundo do mar
e trisca a última nuvem do céu
nele pode até perder-se o olhar
mas nele nunca me perco
é ali que sou.

descoberto

Terei um fim
e já estou a tê-lo
esfarinho entre as roupas
, mas como ainda permaneço?

E pessoas explodem
enfartam
acidentes chovem invisíveis
riscos e ciscos grudados nos óleos
da pele

podem girar os relógios
Agora eu já sei!

Vou morrer

Foi num dia de chuva Azul de céu, cinza de escuro, úmido dia, noite de sol Fundo tempo Profundo lembrar No barro embaixo do pé a lama molha cria memória Quando criança, relebrâncias, inventâncias Há outras dez mil infâncias por trás de cada gota contra gota Pé contra poça Vento contra corpo Tormenta sem mar Mar mar mar dentro de mim Mais dentro estou e fora ondu lar

para tempestades

Plantei o mar
no meu quintal
colhi as ondas
na minha janela
a bater constantes
sempre as ouvia
já não tenho maresias
como marolas

CHEGO
ACONCHEGO

Recebem-me da memória
eu pedaço
passo
passotempo
raso
arrasado
sou um soldado sem paraquedas

eu sou a arma projétil
inútil
corpo
cai
baque no chão
bagaço

pasta

arquivada
aberta
folha
solta tinta
iminente
ameaça

entes

Raiz que me fez
por trás já fui reis
já fui serviçais

Atuantes ancestrais
em mim atuais
seis
dez
sete milênios atrás
entre vocês eu andava
desconhecido

Pais de pais de pais de pais
que de países vieram
voaram nadaram correram
de casais em casais casuais
minhas raízes cresceram

Fizeram filho futuro fruto
só depois que vieram
que a mim veio o mundo

aguante

chovia
no chão
ventava
em meu corpo
tempestades
onde estão?
no silêncio
do seu sopro

MORENO FEITO NEGRO

ESCURO

NEGRO FEITO EU

ESCURO

ESCURO FEITO PRETO

NEGRO

OBSCURO

TENEBROSO

NO FUNDO DA ALMA

NO FUNDO DA NAU

GRITO PRO FUNDO

TRÊS

DOIS

UM

PONTO

FINAL

Vinda do caos

Nasci fria
da primeira vez que meus olhos abriram
tudo era escuro
julgariam-me morta
se não fosse daquelas que não morrem
que são perenes feito pedra
pérolas negras congeladas

Vim ao mundo muda
uma ostra escura
uma ave negra na neve
que canta o próprio abismo
desaguando seu eco negro frio
um rio silencioso
atingindo todo ouvido
todo olho
toda pele

Arrepio os povos do globo
os poros do corpo
as cascas do outro
Pois nasci fria

>

E desenfreada corro
pouso sem repouso algum
logo que passo carrego meu manto
cobrindo a luz enquanto ando
entre violetas desavisadas
girassóis amarelos

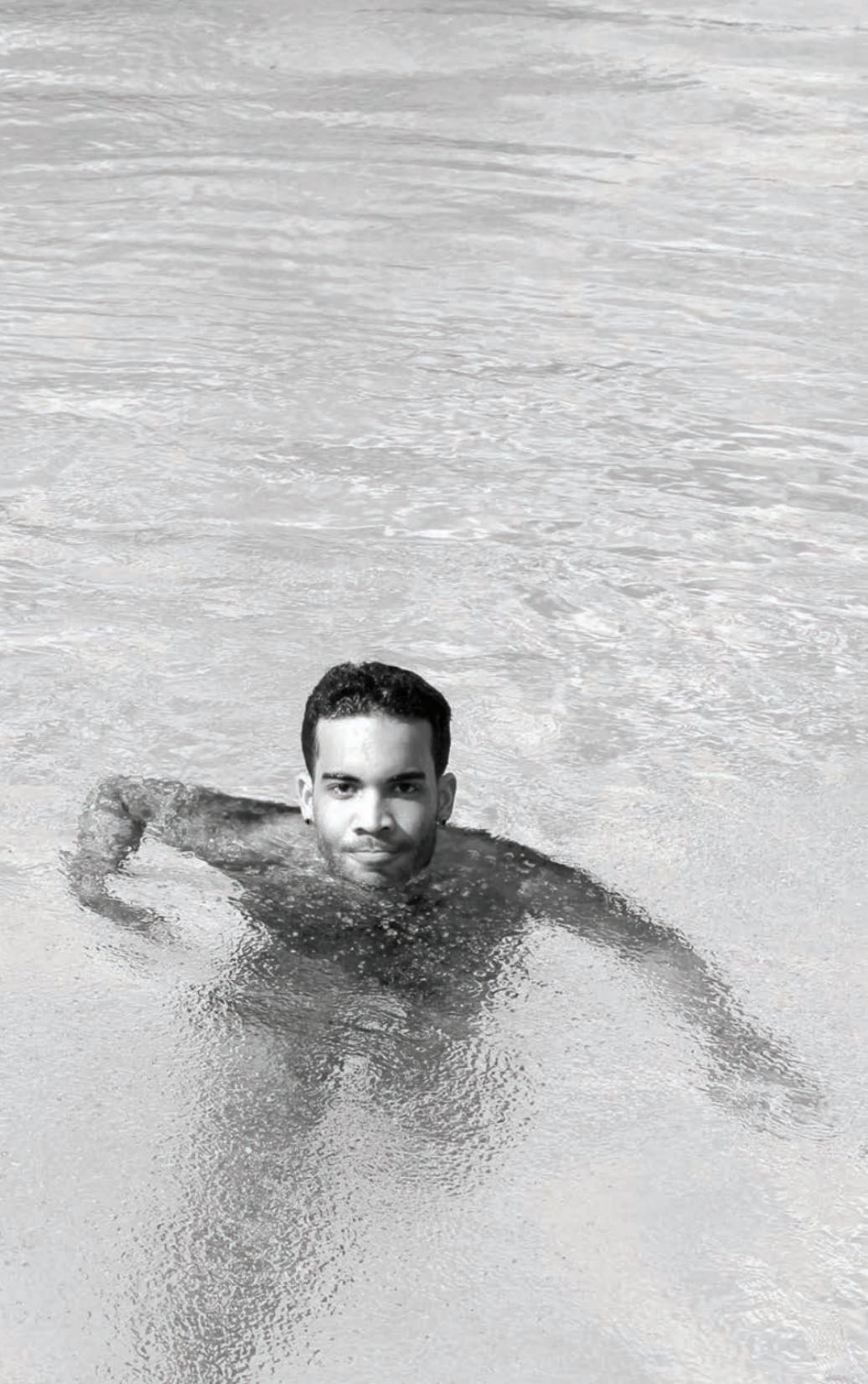
Espalho o pólen preto
planando com o par de asas
entre flores e edifícios
voa meu vulto
meu mistério disseminado
invade o horizonte
debaixo de minhas asas
o céu se esconde
Pois nasci fria e escura

Mas é dentro do meu corpo
que ardem as fogueiras
e entre fumaças e madeiras
o ar se farta
por mim fazem lustres e letreiros
inventam cobertas e puteiros
e se encontram
e se embriagam

>

É por meus veios
que os vinhos são esvaziados
por meus dedos
desfiam segredos
e em mim se acasalam
pois de mim nascem os sonhos
de mim vêm os pesadelos
entre os meus cabelos negros que
dormem.

Pois nasci fria
e quente
Pois nasci escura
e brilhante



Arthur Moura Campos nasceu em Goiânia em 1993. Desenha poemas e pinta vazios, já produziu vários livretos e pôsteres com seus textos. Estuda Arquitetura na Universidade de São Paulo e fez intercâmbio em Paisagismo na cidade de Nanquim na China. Mais nos sites:

voztinta.blogspot.com

wordinwar.tumblr.com

5into.tumblr.com

arthurmcampos@gmail.com

Foto da capa **Martim Passos**
“Sem título”
da série Leitos

Foto na água **Letícia Santa Barbara**

Desenho gráfico **Arthur Moura Campos**

1ª edição 1ª tiragem, 250 cópias

Fonte Akzidenz-Grotesk Pro

ISBN 978-85-922864-0-8

Impressão Colorsystem

eles delimitam) o córre-go, às vezes corre lentamente quando é assim repartido entre o verbo e a abreviação geográfica que referencia Goiás, às vezes é riocorrente, fusão de fluxos intermitentes. É natural lembrar que quem pesquisa os córregos pode deparar seixos como de ameixas murchas, lama e limo; depara também veios secos e frutos sem carne, plástico, lixo. Mesmo assim, ainda que estejam secos e sujos os veios, estampa-se o desenho anti-geométrico do curto-circuito de um Rio: o abrir dos braços. Nos abraços, o dito é feito: Para bom caminhador, meia ponte basta.

Ivan Oliveira



ISBN 978-85-922864-0-8



... nossas retas
efêmeras,
seus meandros
sagrados...